

## **Congresso de Convergência na Catalunha em 2023**

### **Apresentação individual cara-a-cara de Juan Bauzá, membro da Fundação Europeia para a Psicanálise**

#### **A restituição do sujeito. Subversão ética e epistemológica da psicanálise**

Vou levantar uma questão fundamental para a ciência, para a psicanálise e, actualmente, uma questão, mais do que se possa pensar, muito pouco clara em geral e com consequências individuais e sociais decisivas, e parecem contribuir para uma alienação subtil globalizada.

Quando falamos de "ciência", de que estamos a falar? Bem, não existe uma concepção unitária do que define a ciência como tal, o que requer uma teoria da ciência, que se basearia numa epistemologia da ciência que a justifique como conhecimento razoável, em termos da sua eficácia explicativa e da sua consistência pragmática, o que implica também uma pluralidade disso para além do facto de haver uma utilização eticamente questionável da mesma, como uma espécie de nova religião e uma utilização comercial da mesma a vários níveis: institucional, farmacológico, bélico, etc. Os conhecimentos qualificados como sendo científicos não podem de forma alguma ser confundidos com dogma ou verdade, bem pelo contrário, uma vez que se trata de um conhecimento aberto, questionável e perfeccionável enquanto tal.

E assim, se perguntamos a "psicanálise" - que psicanálise? -Que teoria ou epistemologia da ciência permitiria então que a psicanálise fosse qualificada como tal? A este respeito, a própria psicanálise constitui um passo da ciência, em grande parte ignorado, ligado a uma racionalidade modificada e alargada após a descoberta da existência do inconsciente e do sujeito dividido do inconsciente, o que representa uma ruptura epistemológica fundamental no avanço da civilização. Esta passagem da ciência derivará de vários elementos a serem tidos em conta e formulados por Lacan, como se segue:

1) a restituição do sujeito dessa ciência, elidida, e como Lacan dirá, forcluído como tal, com a pretensão de "objectividade científica", no sentido tanto do genitivo subjectivo, daquele ou daqueles que produzem essa ciência, como do genitivo objectivo, daquele ou daqueles sobre os quais ela é praticamente aplicada. Este tema é cada vez mais forcluído, excluído e negado na sua singularidade nas nossas sociedades, por exemplo sob estes diagnósticos e protocolos universais no seu tratamento, neste reducionismo genético e neurobiológico, ou ao nível psíquico comportamentalista-cognitivo, cada vez mais dominante e institucionalizado, e ao serviço do capitalismo da sociedade de consumo, bem como de outros domínios camuflados do exercício do poder.

2) Em relação aos seus três registos: real, simbólico e imaginário, que ele qualifica como suas coordenadas fundamentais.

3) A importância da linguagem na sua determinação simbólica dos objectos que constituem o sujeito em si e o seu mundo fenomenal, não deve ser confundida nem com o empirismo ingénuo, nem com as teorias positivistas das primeiras teorias da ciência moderna, todas elas a distinguir-se das teorias do sujeito e do seu mundo fenomenal, todas elas a distinguir-se das teorias do sujeito. Isto determinaria semanticamente um imaginário mais ou menos consistente que justificaria este conhecimento que poderia ser qualificado como científico, na medida em que é verificável, corroborável, falsificável, a um nível teórico e pragmático.

4) Tudo isto, por sua vez, implica uma extensão e uma modificação fundamental baseada nas estruturas da matemática moderna a partir da teoria dos conjuntos, da lógica estendida e modificada em relação à lógica canónica clássica e aos seus princípios fundamentais (do significante, do fantasma, da sexuação, dos discursos), da topologia esférica à asférica (dos gráficos, das superfícies, dos nós, dos elos, das tranças e das correntes).

Poderíamos então perguntar-nos a nós próprios:

Em que pode a psicanálise contemporânea, e se se quiser mais especificamente neste caso a psicanálise lacaniana, contribuir para a teoria da ciência que incluía algo, tudo aquilo que a ciência tem até agora excluído e que por sua vez impede a psicanálise de ser incluída no seu campo, e por sua vez a própria ciência de dar um salto epistemológico fundamental ou um passo em frente em direcção à verdade como causa material e uma melhor fronteira do real? e

O que podem os teóricos da ciência contribuir no seu progresso histórico que podemos dizer que pode de alguma forma convergir, convergir com essa contribuição da psicanálise?

Lacan, na lição de 20 de Dezembro de 1977 do seu Seminário 25: *O Momento de Concluir*, disse que:

"A suposta realidade objectiva promovida pela ciência é um fantasma, possuindo um núcleo fantasmático". Poder-se-ia dizer que Lacan opta por um realismo crítico ou o que tem sido chamado entre os teóricos actuais da ciência um anti-realismo, pois a realidade seria uma *construção* fantasmática que pode funcionar - digamos ser relativamente consistente - mas teremos de qualificar isso. E especialmente em relação à psicanálise, a teoria da ciência que constitui uma importante contribuição é uma alternativa a todas estas concepções teóricas, refiro-me à chamada *concepção semântica estrutural*, cujos representantes mais proeminentes são P. Suppes, B. van Fraassen, R. Giere, F. Suppe, J. Sneed, W. Stegmüller, W. Balzer e C. U. Moulines, entre outros. U. Moulines entre alguns outros, sendo os últimos 4 a chamada escola *estruturalista*. A este respeito, um livro inaugural fundamental de Balzer, Moulines e Sneed, publicado em 1987, é: *An Architecture for Science: The Structuralist Programme*.

Em primeiro lugar, digo isto porque, como se pode ver, no que diz respeito à epistemologia contemporânea, que tem agora cerca de um século, podemos para falar de um campo unificado, que Lacan só conhecia parcialmente. E dentro deste campo, o que é interessante na situação actual, que de alguma forma foi inaugurada no início

dos anos 80 por Hilary Putnam, é a disputa entre o chamado realismo e o anti-realismo, do qual certamente estará interessado no seu livro: *A trança das três vertentes*, por outras palavras: o *nó do trevo*, ou Van Fraassen: *O Imaginário Científico*, ou Ian Hacking, *Representando e Intervindo*, entre outros, os teóricos estruturalistas da ciência, em todos eles e na sua concepção de realismo, na minha opinião, o problema epistemológico colocado por Lacan regressa e é por isso que é tão interessante, e sobre o qual ele dá pistas fundamentais para o que seria a sua solução dialéctica, e é por isso que a sua leitura e conhecimento me parecem hoje psicanaliticamente fundamentais.

Assim, se, após Lacan, falamos de "*un pas de science*", não se trata de um "não" à ciência, talvez de uma forma sim a uma certa ciência, mas de uma "passagem" da ciência, que supera a ideologia científica que Lacan denuncia como uma ideologia de supressão, e mesmo da forclusão da verdade do sujeito, que não está ao nível da práxis científica, e para além das suas contribuições técnicas positivas sem consequências mortais para o sujeito.

Naturalmente, o que foi dito não vai além de uma abertura do sujeito, que me parece fundamental, a ser aprofundada e desenvolvida, para não cair numa distorção da psicanálise ao serviço dos discursos autoritários ou da busca do reconhecimento institucional.